

Joana e o Escapulário: notas sobre vulnerabilidades na relação entre vigilantes, casarões e seres intangíveis¹

Gabriela Lages Gonçalves - UFMA

Palavras-chave: Casarões; Agência; Relações;

Resumo: Este artigo parte do trabalho de campo da minha dissertação de mestrado (em andamento) sobre experiências entre pessoas e seres intangíveis que habitam casarões do Centro Histórico de São Luís, capital do Maranhão. *Visagens, assombrações, espíritos, entidades e fantasmas* são expressos nesse conjunto arquitetônico, identificados por manifestações sonoras, visuais, pelo cheiro e pelo tato. O Centro Histórico é ocupado por diversos serviços, e uma categoria profissional presente constantemente nos casarões são os vigilantes. Durante a pesquisa, convivi com vigilantes de três prédios públicos, buscando analisar suas perspectivas acerca das manifestações dos seres intangíveis e suas leituras sobre as casas animadas, habitadas por agências diversas. Neste trabalho proponho uma análise das perspectivas de proteção e desproteção dos vigilantes nos casarões – que remetem a sentimentos de vulnerabilidade. Entre vultos, cruzeiros, alhos e armas de fogo, reúno aqui noções de perigo e segurança a partir da adaptação dos vigilantes aos prédios nos quais trabalham. Parto da trajetória de Joana, expressa na sua relação com um escapulário - símbolo católico que a ajudou a ‘se acostumar’ com os seres presentes no casarão. Minha intenção é mostrar que aparentes riscos (como a insegurança das ruas à noite) são repensados e têm seu sentido transformado na interlocução entre pessoas, casarões e seres intangíveis no cotidiano de trabalho.

1. Apresentando os perigos

Dona Nazaré me alertava, quase como um ‘tutorial’, o que eu deveria fazer caso eu visse ou sentisse um vulto: “*Vá até um banheiro com espelho e diga ‘Senhor me cobre com teu sangue me faz invisível aos olhos do maligno’ entendeu? Pois, Eu, Nazaré, faria isso. Aqui ó,* [apontava para a rua repleta de casarões], *esses casarões que têm um negócio*

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

de pomba-gira, essas coisa, isso é só coisa do capeta!”, exclamava enquanto eu e D-30² gargalhávamos de suas instruções. Ela trabalhava na Faculdade de Arquitetura da Universidade Estadual do Maranhão, e por vezes aparecia no Prédio de História da mesma universidade, onde eu fazia campo. Neste dia, D-30, um dos vigilantes, acabou por ocasionar uma roda de conversa entre eu e seus amigos da zeladoria, o tema era o mesmo de sempre: vultos, vozes, passos, barulhos, objetos que se movem, entre outros *coisas estranhas*. Nazaré tinha vindo pegar um balde e desinfetantes quando ouviu nossas gargalhadas e descobriu que estávamos falando de uma *visagem* que havia perturbado Jobert lá no último andar, mudando a vassoura de lugar e assobiando. Dona Nazaré entrou na conversa falando algumas coisas que aconteceram com os colegas vigilantes do casarão que trabalha e relacionando esses acontecimentos com a falta de proteção de Deus. Falou por cerca de meia hora sobre as vezes em que Deus estava a protegendo - na rua contra ladrão, na casa contra assombração e na vida contra *demônios*. Tocava em meus ombros esperando que eu confirmasse o que falava, eu apenas assentia com a cabeça, prestando atenção nas proteções que ela tinha e o quanto eu parecia ‘desprotegida’ segundo essa lógica. No final, me aconselhou: *“De coração amiga, bom final de semana, que essa semana seja uma semana maravilhosa, tá? E muita proteção do Espírito Santo na vida de vocês! E quando sentir esse vulto? Tá repreendido em nome de Jesus! É só orar!”* - e assim subiu a rua com o balde e desinfetante que viera buscar.

Durante minha pesquisa de campo com vigilantes que trabalham em casarões históricos foi comum ouvir sobre a necessidade de buscar aparatos de proteção. Diferente de Dona Nazaré, que trabalha na manutenção de limpeza de um casarão histórico, os vigilantes tem outra peculiaridade - estão ali para guardar o patrimônio³. No trabalho de vigilante fui situada que cada um deve estar atento ao seu posto: quem entra, quem sai, quem já passou no lugar mais de uma vez naquele dia, entre outros sinais que possam colocar uma situação de insegurança para o patrimônio. *“As pessoas pensam que a gente não tá fazendo nada, mas é muito complexo”*, disse-me D-30, explicando sobre as responsabilidades do vigilante.

² Nomes e apelidos utilizados aqui são fictícios no intuito de proteger informações sobre os interlocutores. Ressalto que todas as menções em itálico são para referir-se as falas dos participantes da pesquisa.

³ Tenho refletido sobre o que afinal o Estado entende como patrimônio em relação à vigilância no Centro Histórico de São Luís. O serviço de vigilância em casarões por vinte e quatro horas tem pouco mais de dez anos, e parece-me ter surgido com preocupações como pichações, pequenos furtos de objetos domésticos nos casarões, e não necessariamente a busca por proteger o bem incalculável que os prédios guardam.

O Estado do Maranhão possui dois vínculos empregatícios com a vigilância dos casarões históricos: uma parte dos profissionais são funcionários diretos do próprio Estado (vigias), outra é formada por empresas terceirizadas que são escolhidas através de licitações (vigilantes). Minha pesquisa é com o segundo grupo⁴. Segundo meus interlocutores, outra diferença entre os vigilantes e os vigias envolvem questões de formação técnica – visto que, os vigilantes fazem um curso que os capacita para tal função. Nesta formação, obtém conhecimentos acerca de defesa pessoal, técnicas de tiro, utilização de rádios ou comandos por voz, e legislações específicas. Já os vigias, me eram descritos como “amadores” que não estariam aptos a intervir diretamente em casos de perigo, mas sim, acionar dispositivos de segurança pública.

Neste artigo, partindo das noções de proteção e desproteção, esboço as possíveis relações destes corpos vulneráveis - o casarão, a pessoa, e o seres intangíveis. Vale ressaltar, que a discussão antropológica sobre vulnerabilidade se dedica a temas como cidadania/reconhecimento, saúde, população de rua, políticas de assistência a crianças/adolescentes/ mulheres, grupos populares, entre outras pautas relacionadas a percepção de risco e inclusão de grupos (LEAL, 2008; LEAL & ANJOS, 1999). Entretanto, inspirada em pensar vulnerabilidade e proteção, proponho aqui ideias que remetem a três níveis de risco - humanos para humanos; seres intangíveis para humanos; e natureza em relação as casas. Utilizo a nomenclatura de seres intangíveis, a partir do trabalho de Ruy Blanes e Diana Espirito Santo (2014), que reúne uma série de análises possíveis acerca de espíritos, entidades ou fantasmas, explorando reflexões que não se restringem ao âmbito da religião. Assim, parto deste nome ‘generalizado’ para expressar a pluralidade de formas como tais entidades são narradas na minha pesquisa - *visagens, espíritos, entidades, assombrações, fantasmas, demônios* etc. – a partir das quais penso em como tornam-se agentes que afetam⁵ a vida das pessoas que mantêm um relacionamento com os casarões do Centro Histórico de São Luís.

⁴ Percorri por doze casarões até a escolha dos participantes da pesquisa. Na dissertação o foco principal são três casarões- um museu, um prédio de arquivos, e uma universidade- neste artigo, trago informações sobre o Prédio do Arquivo Público do Maranhão.

⁵ Bem como, a possibilidade de seres intangíveis e pessoas serem mutuamente afetados através de mudanças e transformações nos casarões históricos.

1. Tempo, Casarão e o (in) tangível

Localizado na Rua de Nazaré, o sobrado⁶ do Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM) tem tombamento federal sendo responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (MARANHÃO, 2008). Em funcionamento desde 1978, a atual sede do arquivo público foi um lugar ocupado de diferentes formas ao decorrer dos anos: residência, república, pensão familiar, e a luxuosa “Pensão Chicó” – uma casa de prostituição do final do século XX. Na obra literária de Josué Montello⁷ (1971), é possível ver a casa de prostituição como um lugar bem frequentado pela elite maranhense, inclusive em seus diários de memórias o próprio autor narra suas idas até o local. Fui parar no casarão do Arquivo por indicação⁸ de D-30, vigilante já mencionado, em virtude das coisas que me dissera - “*O arquivo era uma casa de prostituição, diz que o povo ouve até gemido lá dentro!*”. Não ouvi nada específico sobre gemidos com os vigilantes que trabalhavam lá, mas o fato de ter sido um local de prostituição era constantemente associado com os *vultos* ou *espíritos* de mulheres que apareciam no casarão.

O casarão tem um desnível que acompanha os degraus da escada que fica ao seu lado - visto de fora, avistamos dois pavimentos e um pequeno mirante - onde Joana aconchegou-se em seus primeiros meses de trabalho. Devido ao desnível no terreno, o casarão possui um subsolo com dois porões, não muito frequentado pelos funcionários, só uma vez ou outra os zeladores precisam ir até lá. O edifício do arquivo público sofreu duas intervenções após sua ocupação para tal fim, em 1987: uma reforma interna para a adaptação do Laboratório de Conservação e Restauração de Papéis (LACREPE); e uma intervenção para climatização e informatização em 1998. O prédio guarda documentos textuais únicos dos períodos coloniais, imperial e republicano no Maranhão - manuscritos, datilografados, impressos, além de mapas, plantas de casas, jornais e imagens. Os vigilantes que lá trabalham comentavam que às vezes fazem pequenos

⁷ “Antigamente, aquele sobrado da esquina, no começo de minha rua, era uma pensão de raparigas. [...] as meninas se esbaldavam. Bons tempos! Bons tempos!”, uma das referências a Pensão Chicó presente na obra *Caís da Sagração*, publicada em 1971.

⁸ Na realidade, meu início de campo foi constituído por esta dinâmica de indicações de pessoas e/ou casarões - conhecia um vigilante que me indicava outro vigilante que trabalhava em casarão histórico, e assim por diante.

reparos no prédio para rever problemas de eletricidade⁹, arrumar as infiltrações de chuva ou reduzir a quantidade de mofo na biblioteca - *Já pensou se esse tanto de papel molha?* Comenta Seu Daniel, um dos mais antigos vigias do edifício.

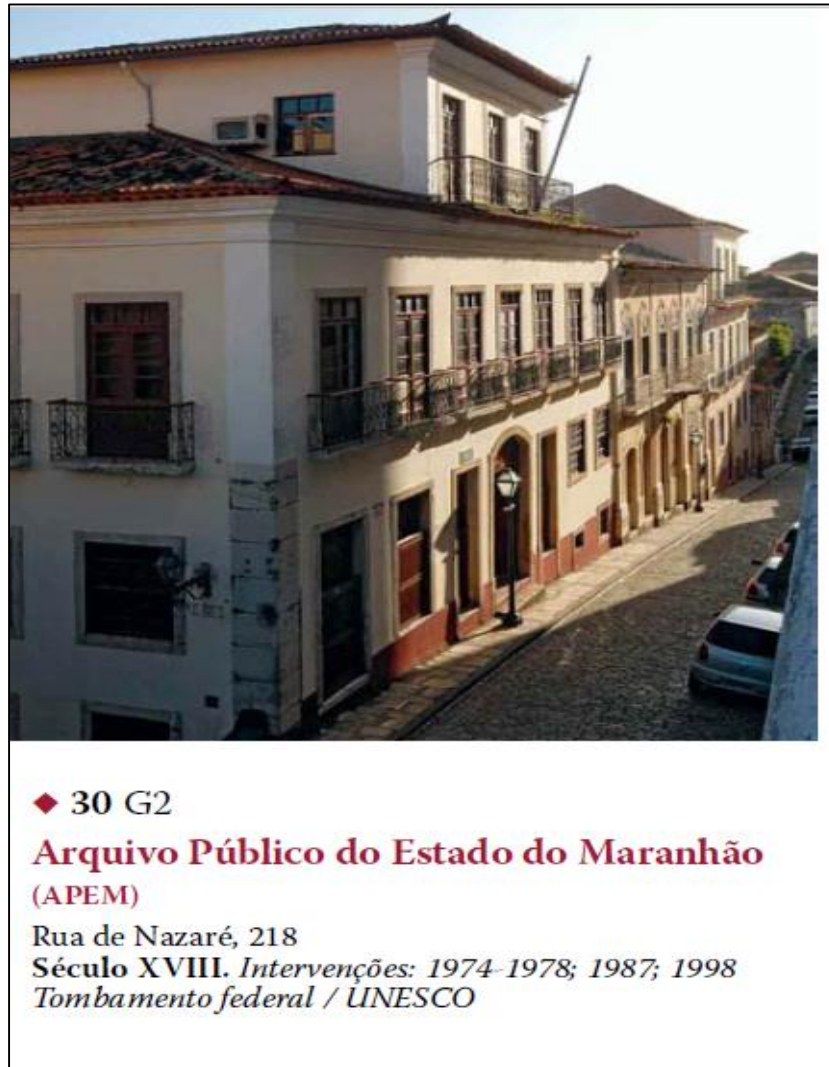


Figura 1. Fonte: *Guia de Arquitetura e Paisagem São Luís Ilha do Maranhão e Alcântara*, 2008.

Seu Daniel era um vigia funcionário do Estado do Maranhão e trabalhava no prédio desde 1992. Em seu começo de carreira, nos anos 90, diz ter ouvido muita coisa no casarão. Costumava reunir-se com os outros vigias na rua para jogar dominó ou

⁹ A distribuição elétrica no Centro Histórico é toda interna - os cabos passam por via subterrânea para que seja distribuída a eletricidade aos casarões, o que por vezes ocasiona em quedas de energia, visto que não possuem postes pelas ruas.

baralho, e até para *paquerar a mulher de branco*¹⁰ da Rua Portugal. Nesta época, destaca haver uma infestação de ratos de todos os tamanhos pelas madrugadas - “*E as baratas daqui gostam de uma cachaça! Tu já deu cachaça pra elas? Só cachaceira!*”, falava sorrindo sobre os ratos e baratas nas festas do Centro Histórico, sugerindo que eles gostavam de aparecer em público em dias de grande movimento festivo. Depois da última reforma no casarão, em 1998, diz terem trocado muitas coisas no casarão do arquivo público - portas, janelas, estrutura de esgoto, de forma que as assombrações e ratos deram uma *afastada do casarão*. Seu Daniel, frisava que os barulhos que ouvia no casarão podiam ser os ratos, afinal eram imensos, mas ressalta a possibilidade de ter sido algum dos espíritos de mulheres que habitava no prédio. Nos dias atuais, diz *não sentir mais nadinha*, anda por todo o casarão durante toda a noite, se distrai assistindo filmes no seu DVD portátil e seu turno passa rapidamente.

Nesse sentido, espíritos, fantasmas, ratos, fungos e goteiras são elementos que interferem nos casarões do Centro Histórico, podendo ser pensados como a primeira coisa que pode torná-los vulneráveis. As escadas de madeira, portas ou janelas, podem ser roídas por cupins e serem facilmente inutilizadas. As chuvas, além de mostrarem as goteiras, ocasionam umidade e mofo nas paredes. Os ratos podem roer qualquer tipo de material, desde fios a eletrodomésticos e construir ninhos com esses elementos. Alguns seres intangíveis se mostram “agressivos”, quebrando janelas de vidro¹¹, ou derrubando objetos que podem ser de valor inestimável¹². Parto do princípio de um casarão permeável, habitado por diferentes processos que interferem em sua própria formação (INGOLD, 2012). Nos casarões do Centro Histórico, compostos por alvenaria, argamassa ligada entre cal de sarnambi e óleo de peixe (MARANHÃO, 1997) - plantas, ratos, cupins, ou espíritos também são incluídos no habitar.

O Centro Histórico de São Luís por conta de sua riqueza arquitetônica presente nos casarões coloniais dos séculos XVIII e XIX, recebeu o título de Patrimônio Mundial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

¹⁰ Seu Daniel conta que era uma mulher loira e vestia um vestido branco, que parecia muito ser humana de verdade. Aparecia na Rua Portugal, vindo do cais portuário, andando sempre na sua direção e de seus amigos, mas quando se aproximavam ela sumia.

¹¹ A título de exemplo, em 2017 tive contato com um dos vigilantes do Palácio das Lágrimas - antigo casarão palco de uma tragédia no século XIX, que está em uma reforma inacabada -, em nossa conversa contou-me sobre os vidros recém-colocados quebrados pelo vento forte das madrugadas. A situação era associada a aparição de *uma mulher de baby doll branco* no andar de cima do casarão.

¹² A ilustração “As companhias de um piano” (Figura 2), foi inspirada em uma sala que funcionava como um pequeno teatro num museu do Centro Histórico. Mesmo o museu estando em funcionamento, esta sala permanecia inutilizada, e alguns objetos foram perdidos, entre eles, um piano que foi tomado por cupins – além das infiltrações decorrentes de chuvas, o que terminou por isolar a sala no museu.

(UNESCO) em 1997. Quando tombados, os casarões passam a compor uma lista de bens que, de interesse histórico, não podem passar por alterações não previstas e autorizadas pelo órgão regulador do espaço. Apesar disso, existem agências que interferem nele e fazem mudanças no decorrer do tempo. A própria reforma para restaurações pode ser entendida como algo que leva e traz agências: a dedetização limpa dos mofos, ratos, baratas; os reparos tiram as infiltrações; trazem nova instalação elétrica, e materiais, ou até mesmo acessibilidade para pessoas com deficiência, facilitando a circulação no casarão.



Figura 2: Ilustração "As companhias de um piano"¹³ (Ellen Cripf)

2. Pessoa, Mulher e Vulnerável

A primeira vez que fui ao prédio do arquivo público, conheci Joana. Quando lhe disse os boatos que lá me levaram, Joana explicou-me que “é por isso que a estátua de

¹³ As ilustrações em desenhos são um recurso que penso ser indispensável para expressar as narrativas dos vigilantes. As suas descrições de eventos, ou de espaços acabaram por criar imagens ou pequenos curtas que fui registrando, pensando em um caderno de campo visual (CAMARGO, 2016). As criações são de autoria de minha amiga Ellen Cripf, ao ler meus diários de campo.

Benedito Leite foi construída de costas para cá e de frente para a Igreja da Sé”, referindo-se ao fato de no prédio ter funcionado uma casa de prostituição, dando a entender que as práticas que ali ocorreram tinham reprovação do antigo governador do Maranhão.

No momento em que entrei e a vi mal pude disfarçar minha empolgação, pois, nos seis primeiros meses de campo ainda não tinha encontrado nenhuma profissional mulher, o que me deixava bastante incomodada. As tensões de gênero foram algo presente durante a pesquisa de campo. Certa vez, por exemplo, fui ao arquivo público em busca de Joana e encontrei seu companheiro de trabalho, também vigilante, trabalhando em seu lugar¹⁴. Ele já tinha me visto e quando nos encontrávamos, perguntava sobre a minha pesquisa. O casarão fica fechados aos sábados, mas a vigilância é vinte e quatro horas. Como Joana não estava, perguntei ao seu companheiro se poderia entrar no casarão, com o intuito de jogar conversa fora e fazer valer o dia de campo. Ele respondeu negativamente, dizendo *“Hoje não dá, por que você é mulher e vão pensar besteira”*. Situações semelhantes aconteceram diversas vezes, o que me mostrou que a dinâmica movimentada dos dias de trabalho com o prédio aberto era algo que tornava mais leve a minha interação com os homens.

Sendo assim, quando conheci Joana, esperava que tivéssemos uma boa relação, visto que estaríamos livres das tensões que os homens por vezes demonstravam. Joana logo ficou empolgada quando perguntei se poderia me ajudar com a minha pesquisa sobre os casarões: *“É pra universidade?”*, respondi que sim. É uma mulher de estatura alta, cabelos pretos e lisos, (sempre amarrados e escondidos pelo boné da empresa), e mostrou-se bem solícita em participar. As tardes no prédio do arquivo público eram recheadas de conversas paralelas que surgiam: os vendedores ambulantes já conhecidos dos funcionários encostavam e diziam os sabores do dia do que quer que vendessem - bolos, pães, até remédios caseiros; ou as conversas que indicavam os vínculos de relações estreitas entre os funcionários da vigilância e zeladoria, tornavam as tardes animadas. Quase como coadjuvantes das minhas idas a campo, os zeladores e zeladoras encostavam para conversar comigo, seja sobre a minha pesquisa ou sobre outras coisas como política, clima, violência ou vida pessoal. Me dedicava a perceber o trabalho de Joana, que ali consistia em saber quem entrava e quem saía do casarão, em pedir que visitantes do local

¹⁴ Os vigilantes trabalham alternados em carga horária de doze horas e folgam vinte e quatro horas, logo, tentava calcular os dias que poderia encontrar meus principais interlocutores fazendo um calendário mensal.

assinassem a frequência, em dar informações ou comunicar sobre ausência/ presença de outros funcionários.

Joana é uma mulher satisfeita com sua profissão e diz nunca ter pensado em fazer outra coisa. Seu primeiro emprego foi no setor administrativo em 2008. Em novembro do mesmo ano resolveu fazer o curso¹⁵ de vigilância, que durava cerca de quarenta e cinco dias. Foi seu primeiro emprego de carteira assinada. Hoje, me explica, quando existem muitos vigilantes desempregados, ela diz ter tido a sorte de conseguir um emprego pouco tempo depois de ter terminado o curso. Em abril do ano seguinte já estava trabalhando no casarão do Arquivo Público do Maranhão. Começou a trabalhar no turno da noite, chegava as seis horas da tarde e saía pela manhã. “*Meus primeiros dias não foram os melhores*”, afirma em um tom de história inacabada.

Narra que já faziam dez anos que fizera seu primeiro turno no Centro Histórico. Durante este tempo trocou de empresa duas vezes devido às mudanças de licitação das empresas privadas que atuam na segurança do Centro Histórico. No entanto, acordando com a direção do prédio, mesmo tendo trocado de empresa foi absorvida pela nova responsável de modo a permanecer em seu mesmo posto de trabalho, no prédio do Arquivo Público do Maranhão. Na década que passou conheceu algumas outras mulheres também vigilantes do Centro Histórico. Por vezes, experimentou trocar turno para suas amigas trabalhando em outros casarões para que tirassem folga, e vice-versa - quando precisa sabe que pode pedir ajuda para suas amigas vigilantes.

Contava pensativa sobre os seus primeiros dias: a máquina de cortar papel funcionava sozinha, ouvia passos de *alguém* nas escadas de madeira, caminhava para fazer sua ronda mas não via ninguém, e sentia vultos passando por perto em determinadas partes do prédio. Respirava aliviada dizendo “*Mas Graças a Deus me acostumei*”. Não nega que passou por um processo de adaptação lento e complicado com o casarão - “*Tinha dia que eu chegava aqui e que não dava vontade de entrar. A minha vontade era só voltar, era uma coisa tão... eu me arrepiava dos pés à cabeça... eu sentia uma matéria aqui*”. Na época haviam caixas e caixas de documentos, e datilógrafos na biblioteca do arquivo, Joana afirma que era impossível que o vento fizesse tanto movimento naquelas noites movimentando esses materiais, obviamente *pesados demais para o vento*. Seus colegas diziam que tinha um espírito de uma mulher no segundo andar, alguns a

¹⁵ Muitas empresas de segurança privada que oferecem o curso também contratam o profissional.

associavam a uma antiga moradora do casarão chamada *Ustódia*¹⁶, outros diziam ser outra mulher, já que o casarão foi uma casa de prostituição no passado. Joana descreve que “*existia uma matéria*”, que era sentida pela constante sensação de que havia alguém ao seu lado, mas quando checava fazendo ronda pelo casarão, concluía que estava sozinha no prédio.

Começou a procurar livros de autoajuda para ler em seu turno, que abordavam temas como medo, pânico, pensamentos ruins. Fazia orações para entrar no prédio. Começou a levar um radinho – que colocava em volume alto, assim esperava tirar seu pensamento dos barulhos que ouvia no casarão. Depois de um tempo, decidiu não ficar mais no pavimento de baixo. Instalou-se numa varandinha lateral no segundo pavimento, pegava uma cadeira, seu radinho e ficava nessa varanda. Joana era observada pela rua e a rua era observada por Joana. Foi assim que viu que os vigilantes dos outros prédios da rua ficavam na praça durante as madrugadas. Conheceu alguns deles, e por muitas noites se reunia com seus colegas de profissão passando a noite na Praça Benedito Leite. Contavam piadas. Tomavam café. Conversavam e sorriam das assombrações de seus respectivos prédios, às vezes, ficavam de meia noite até umas quatro horas da manhã e voltavam para os seus postos. Na rua, sentia-se mais protegida do que no casarão.

Joana nunca trabalhou armada em seu posto, pois a vigilância no prédio é dividida entre empresa privada e o próprio Estado do Maranhão - que tem como funcionário um vigia. Logo, pelo que entendi, há duas razões que impedem o porte de arma: a primeira é o armazenamento da mesma, que precisa estar guardada em cofre adequado, que o casarão não possui; a segunda envolve as diferenças entre vigia e vigilante, já que o vigia não necessariamente é treinado para portar armas. Vale ressaltar, que os vigilantes são habilitados a usar armas de fogo apenas em seus postos de trabalho, não podendo levá-las consigo. Joana disse nunca ter precisado de arma durante seu trabalho. Na realidade, aponta que estar armada oferece mais riscos a um profissional da vigilância, visto que muitos assaltantes estão interessados em rendê-los para roubar-lhe a arma. O que lhe causava angústia, de qualquer forma, eram coisas que a arma não protegia: o medo, as sensações e as ideias ingovernáveis na cabeça de que *tem alguém aí*.

¹⁶ Pouco tive informações sobre quem teria sido esta antiga moradora. Em março de 2018, Joana disse que um de seus colegas do prédio ao lado havia tirado uma foto do casarão lá de cima. Na foto, aparecia uma criatura, como uma mulher, que dizia ser Ustódia. Infelizmente, ninguém guardou a foto em seus celulares, pois ficaram com medo de atrair “*coisas ruins*”, e nunca pude vê-la.

Assim, a companhia de seus colegas na rua era mais protetiva, sendo um dos momentos cruciais em seu processo de adaptação ao trabalho. Embora tenha frisado ser católica, Joana contou-me que sentia a necessidade de alguma orientação espiritual por conta das sensações que tinha ao estar no casarão. Chegou a conversar com sua madrinha que diz ser uma mulher bem espiritualizada, contou-lhe todas as coisas que sentia em seus turnos de trabalho, a sensação de medo que vivia todas as vezes que entrava naquele prédio. Até que sua madrinha lhe presenteou com um terço e um escapulário.

Eu não sabia o que era um escapulário. Joana me explicou que “*é um cordão com duas imagens que espantam coisa ruim*”. As duas imagens podem variar, mas normalmente são de Jesus e Maria. É comum a ‘regra’ entre os católicos de que nunca se deve comprar um escapulário para si mesmo – ele é um objeto para presentear alguém que esteja precisando de proteção e conforto espiritual. Desde então, toda vez que ia entrar para mais um turno, Joana colocava seu escapulário no pescoço e diz que “*dava uma sensação de paz*”. Depois disso, não ia mais para o trabalho sem ele e sua relação com o casarão começou a melhorar. Joana passou todo o seu primeiro ano de trabalho buscando maneiras de se acostumar com o casarão: “*Demorei quase dois anos pra me acostumar, entrar aqui e não sentir nada*”. Quase dois anos para que pudesse simplesmente trabalhar *em paz*. Para ela, os acontecimentos do local eram devido a *espíritos que não subiram, pessoas que não fizeram a passagem*, que viveram naquele espaço em outro momento e ali queriam permanecer.

3. Notas sobre as Vulnerabilidades

Joana, como algumas outras pessoas que conheci, passou por um período conturbado de adaptação ao seu trabalho como vigilante em casarões do Centro Histórico. A experiência de trabalho teve um impacto em sua vida - noções de presença, corpo, Deus e espírito foram perturbadas a partir do momento em que assumiu seu emprego naquele edifício. Proponho pensar a relação de Joana com o escapulário a partir de três possíveis vulnerabilidades que, nas situações que descrevo, se encontram: uma pessoa vulnerável; uma mulher vulnerável; e uma funcionária vulnerável. As desproteções que comento aqui obviamente se intercalam - risco eminente de tentativa de assalto a pessoa/casarão; risco de sentir vulto ou matéria desagradável; e risco de desamparos empregatícios.

A pessoa vulnerável remete a Joana enquanto um ser humano que é afetado com presenças de ordem não humana, ou seja, nas experiências sensíveis de ouvir e sentir

vividas por ela como percepções de uma coexistência. A constante menção a pensamentos ruins em suas falas permitem pensar o caráter de ideias/sensações ingovernáveis – a agonia ao pensar em seu trabalho, o externalizar tais sentimentos para sua madrinha em busca de ajuda, são aspectos que expressam a perturbação de emoções e noções que estavam anteriormente bem delineadas por Joana. Da mesma forma, tais perturbações são combatidas com estratégias para tentar controlar o que parecia incontrolável- música no radinho, leituras de auto ajuda, são maneiras de tirar a atenção daquilo que representavam perigo.

Diante disso, a partir do momento em que passa a ‘trabalhar’ da rua, acompanhada por seus colegas homens, promove uma inversão das noções de perigo e proteção do senso comum. Na rua, “exposta”, acompanhada por homens, sentia-se mais protegida do que no âmbito da casa. A imagem das ruas à noite como horário de maior risco, evidentemente maior para as mulheres¹⁷, ou das casas enquanto espaço reservado à proteção, são invertidas - implicando em momentos de descontração na reunião de vigilantes nas ruas. Enquanto a rua, tanto pela noite ou dia, é comumente associada ao movimento ou descontrole, por ser pública, aqui ela aparece como um lugar de convívio prazeroso - troca de conversas e experiências aconteciam nas ruas entre vigilantes. Jogar dominó, contar piadas, parar para tomar um café, demonstram um sentimento de conforto tanto para Joana, quanto para outros vigilantes. Contudo, ressalto que as narrativas sobre estas madrugadas tranquilas têm seu contraponto com os dias atuais, quando, segundo narram os vigilantes, os riscos de assaltos são mais recorrentes. Apesar disso, alguns vigilantes não permanecem de forma alguma dentro dos casarões¹⁸ e optam por ficar na parte a céu aberto dos casarões, por se sentirem mais confortáveis.

Por outro lado, a vulnerabilidade enquanto mulher¹⁹, pode ser pensada através dos múltiplos malabarismos de jornada em que algumas profissionais vivem: doze horas de trabalho, cuidado com os filhos, afazeres domésticos e laços de casamento. O que me fez perceber que algumas mulheres tinham uma pequena rede de amparos quase de prontidão para uma substituir a outra em caso de emergências²⁰, como acontecia entre Joana e Leila, funcionária da mesma empresa, porém de outro casarão histórico. Neste

¹⁷ Refiro-me aos incidentes de assaltos, estupros, ou violências dirigida as mulheres em ambientes fora do espaço doméstico.

¹⁸ Por exemplo, acomodar-se nos terraços dos casarões armando redes do lado de fora.

¹⁹ Sem mencionar o medo de algumas vigilantes mulheres em serem estupradas, ou caírem em emboscadas, no caso de bairros/lugares com conflitos entre facções.

²⁰ A jornada de trabalho de um vigilante é doze horas e folga de quarenta e oito horas. Em caso de falta sofre advertência e desconto em folha de pagamento.

caso, o profissional de vigilância que deveria estar apto a proteger pode ser analisado como uma pessoa vulnerável e desprotegida.

A vulnerabilidade em relação ao emprego me foi constantemente narrada, não obstante, alguns profissionais busquem outras fontes de renda através de um curso técnico, graduação, ou ainda prestando concursos públicos. Devido ao vínculo de contratos, a substituição de empresas responsáveis pela vigilância do Centro Histórico pode acontecer subitamente. O vigilante que mencionei no início do texto, D-30, é um exemplo de como o vínculo com empresas privadas está sujeito a mudanças - com a substituição das empresas que atuam no Centro Histórico, ele e todos os seus colegas foram transferidos de posto de trabalho. Logo, a troca de postos de trabalho, ou demissão, são variáveis que dependem dos vínculos das empresas privadas, bem como seus recursos financeiros e licitações. Da mesma forma, as lutas sindicais por reajustes salariais, a manutenção do plano de saúde e vale refeição eram narradas com insatisfação por parte dos vigilantes. Durante alguns meses de 2018, Joana precisou de uma licença médica, o que aponta como 'sorte' ter sido atendida pelo plano de saúde quando precisou, visto que conhecia vigilantes que já haviam sido barrados de atendimento por que a empresa não havia pago o plano.

Entre as diversas estratégias utilizadas por Joana para sentir-se confortável com seu emprego no casarão - ligar o rádio, ler/buscar compreensão sobre seus medos, busca de companhia - o escapulário aparece como o objeto que contemplou a proteção que lhe estava ausente. Para ela, o objeto trouxe consigo a *paz* que julgava precisar naquele momento em sua vida, cessando seus medos e sensações desagradáveis, *acostumando*. No entanto, a desproteção trabalhista parece escapar a proteção produzida pelo objeto, na medida em que não é totalmente possível combater as assimetrias produzidas pelo capitalismo que afetam o trabalho de vigilante. Por fim, a relação de Joana com o escapulário termina por expressar os processos que vivia naquele momento de sua vida - como a inserção no emprego de vigilante, o estranhamento acerca dos casarões do Centro Histórico, e então, o acostumar-se com aquele espaço na companhia do escapulário.

4. Considerações Finais

A intenção do artigo foi trazer à tona as possibilidades de pensar as relações entre vigilantes e seu vínculo de trabalho junto aos casarões do Centro Histórico de São Luís. Os seres intangíveis são percebidos por estes funcionários (e outros) como interferentes

nos casarões e na vida das pessoas. Com isso, a dimensão tangível/tocável/sensível notada por Joana e seus colegas de trabalho, acredito evidenciar noções de risco/segurança proteção e desproteção que implicam numa relação de coexistência entre pessoas e seres intangíveis. O exercício de pensar através da ideia de vulnerabilidade teve como intuito principal percorrer as desproteções que vão do intangível ao ser humano - repensar proteções 'espirituais', percepções de violência/perigo no trabalho de vigilante, amparo ou desamparo na empresa a que presta serviço.

Da mesma forma, aponto que os casarões tombados como patrimônio - algo que implica em pretensa estabilidade física e cuidados recorrentes - também estão passíveis de vulnerabilidade por agências externas, como animais, fungos, chuva ou até mesmo dos seres intangíveis. Assim, ao considerar as narrativas e experiências, busquei realocar a interação dos vigilantes com *espíritos* que moram nos casarões históricos para pensar o que pode ou não representar perigo para si mesmo, e para seus espaços de trabalho - pontos que não estão desvinculados, visto que os vigilantes precisam preocupar-se com a manutenção do casarão e de si mesmos.

Referências

BLANES, Ruy & ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction: on the agency of intangible. In: **The Social Life of Spirits**. Chicago and London: The University of Chicago Press.

CAMARGO, Fernando Monteiro. "Desenhando nas margens. Diário de campo visual de uma experiência etnográfica". **Cadernos de Arte e Antropologia** [Online], Vol. 5, No 2 | 2016, posto online no dia 01 outubro 2016, consultado o 08 outubro 2018.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.18, n.37, p. 25-44. Jun.2012.

LEAL, Andréa Fachel. "**No peito e na raça- a construção da vulnerabilidade de caminhoneiros: um estudo antropológico de políticas públicas para HIV/AIDS no Sul e do Brasil**". Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-2008.

LEAL, Ondina Fachel; ANJOS, José Carlos Gomes dos. Cidadania de quem? Possibilidades e limites da antropologia. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. v.5, n.10, p.151-173. Maio 1999.

MARANHÃO. **Dossiê**: Proposta de Inclusão do Centro Histórico de São Luís na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. São Luís: Secretaria do Estado da Cultura do Maranhão, 1997.

MONTELLO. Josué. **Cais da Sagração**. Editora Nova Fronteira, São Paulo. 1971.

Prefeitura de São Luís. Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **São Luís: Ilha do Maranhão e Alcântara**. Guia de Arquitetura e Paisagem. Ed. Junta de Andalucia. 2008.